



REI DA IRA



ANA HUANG



CAPÍTULO 1

Vivian



- EU NÃO ACREDITO QUE ELE VEIO. Ele nunca vai a esse tipo de evento, a não ser que o organizador seja algum amigo.

- Você viu que ele ultrapassou Arno Reinhart na lista de bilionários da *Forbes*? O coitado do Arnie estava no Jean-Georges quando soube. Quase teve um treco no meio do restaurante.

Os boatos começaram durante o evento anual de arrecadação de fundos para animais ameaçados de extinção, promovido pela Fundação Frederick pela Preservação da Vida Selvagem.

A suposta estrela do show naquele ano era a batuíra-melodiosa, um passarinho pequeno da cor da areia, mas nenhum dos duzentos convidados debatia o bem-estar da ave enquanto saboreava suas taças de Veuve Clicquot e seus cannolis de caviar.

- Ouvi dizer que a *villa* da família dele no lago de Como está passando por uma reforma de cem *milhões* de dólares. Para um lugar com séculos de idade, acho que já era hora mesmo.

Os cochichos cresciam em intensidade, acompanhados de olhares furtivos e um ou outro suspiro sonhador.

Não me virei para ver quem havia deixado tão exaltados os membros da alta sociedade de Manhattan, em geral impassíveis. Na verdade, não dava a mínima. Estava focada em certa herdeira de uma loja de departamentos que cambaleava sobre saltos altíssimos em direção à mesa de brindes. A herdeira olhou furtivamente ao redor antes de surrupiar uma das sacolinhas de presente personalizadas e enfiá-la na bolsa.





Assim que ela se afastou, avisei no minúsculo microfone do comunicador:
– Shannon, Código Rosa na mesa de brindes. Descobre de quem era a sacola que ela pegou e repõe.

Cada sacola continha mais de oito mil dólares em brindes, mas era mais fácil considerar a perda de parte do orçamento do evento a ter que confrontar a herdeira dos Denmans.

Pelo fone, ouvi minha assistente resmungar:

– Tilly Denman *de novo*? Ela poderia comprar tudo que está naquela mesa e ainda teria *milhões*!

– Sim, mas não é pelo dinheiro. É pela adrenalina. Vai lá. Amanhã eu compro aquele doce de banana da Magnolia Bakery para você, para compensar a árdua tarefa de substituir a sacolinha. E, pelo amor de Deus, descubra onde a Penelope se meteu. Ela deveria estar cuidando da estação de presentes.

– Rá, rá – fez Shannon, obviamente percebendo meu sarcasmo. – Tá bem. Vou lá verificar os brindes e depois procurar a Penelope, mas quero *um quilo* de doce amanhã.

Enquanto ela ia repor os brindes, dei uma circulada pelo salão, de olho em outros possíveis incêndios, fossem grandes ou pequenos.

Quando entrei nesse ramo, parecia estranho produzir eventos aos quais antes eu iria como convidada. Mas com os anos fui me acostumando, e o que recebia me permitia certo grau de independência dos meus pais.

Aquele dinheiro não vinha da minha família nem de uma herança. Eu o havia ganhado com meu trabalho honesto, como promotora de eventos de luxo em Nova York.

Eu adorava o desafio de criar eventos incríveis do zero e gente rica sempre gostava de coisas bonitas. Todo mundo saía ganhando.

Estava verificando o sistema de som para o discurso que haveria mais tarde quando Shannon chegou correndo.

– Vivian! Você não me falou que ele estava aqui! – disse ela entre dentes.

– Ele quem?

– *Dante Russo*.

Na mesma hora esqueci qualquer coisa envolvendo sacolinhas de brinde e testes de som.

Me virei subitamente para Shannon. Seus olhos brilhavam e suas faces estavam coradas.





– Dante Russo? – Meu coração disparou sem motivo aparente. – Mas ele não confirmou presença.

– Bem, ele não é o tipo de pessoa que precisa confirmar presença em eventos. – Ela praticamente vibrava de empolgação. – Não acredito que ele veio. As pessoas vão falar disso por *semanas*.

Os cochichos que Vivian vinha notando de repente fizeram sentido.

Dante Russo, o enigmático CEO do Russo Group, um conglomerado de empresas de artigos de luxo, comparecia a raros eventos que não fossem promovidos por ele próprio, por um amigo próximo ou por algum importante parceiro de negócios. A Fundação Frederick pela Preservação da Vida Selvagem não se enquadrava em nenhuma dessas categorias.

Ele também era um dos homens mais ricos e, conseqüentemente, mais observados de Nova York.

Shannon tinha razão: as pessoas comentariam sua presença naquele evento por semanas, talvez até meses.

– Ótimo – falei, tentando controlar meus batimentos cardíacos. – Talvez isso traga mais conscientização para a questão da batuíra-melodiosa.

– Vivian, ninguém se importa com a... – Shannon parou de súbito, olhou ao redor e baixou a voz antes de continuar: – *Ninguém se importa de verdade* com as batúiras. Eu fico mal por elas estarem correndo risco de extinção, mas vamos ser sinceras: as pessoas só estão aqui pelo evento.

Mais uma vez, ela tinha razão. No entanto, independentemente do motivo, os convidados arrecadavam dinheiro para uma boa causa e os eventos me mantinham em atividade.

– O verdadeiro assunto da noite é como Dante é gato – continuou Shannon. – Nunca vi um homem ficar tão bem de smoking.

– Você tem namorado, Shan.

– E daí? A gente pode admirar a beleza de outras pessoas.

– Pois eu acho que você já *admirou* bastante. Estamos aqui para trabalhar, não para ficar babando nos convidados. – Comecei a conduzi-la para a mesa de sobremesas. – Você pode trazer mais tarteletes? Estão quase acabando.

– Estraga-prazeres – resmungou ela, mas obedeceu.

Tentei me concentrar novamente no sistema de som, mas foi impossível não esquadrihar o salão em busca do convidado-surpresa da noite. Meu olhar passou pelo DJ e pelo display em 3-D da batuíra e pousou na aglomeração perto da entrada.





Era tanta gente que não dava para ver muita coisa, mas apostaria todo o saldo da minha conta bancária que Dante era o centro de toda aquela atenção.

Minhas suspeitas foram confirmadas quando a multidão se moveu um pouco, revelando um vislumbre de cabelos pretos e ombros largos.

Senti um arrepio na espinha.

Meu círculo social esbarrava no de Dante, mas nunca tínhamos sido apresentados oficialmente. E, considerando tudo que já ouvira falar sobre ele, não fazia a menor questão de mudar isso.

Mas sua presença era magnética. Mesmo dali, do outro lado do salão, eu sentia a atração que ele exercia.

Uma vibração insistente em meu quadril acabou com o formigamento que percorria minha pele e desviou minha atenção do fã-clube de Dante. Senti o estômago revirar quando peguei meu celular pessoal na bolsa e vi o nome na tela.

Eu não deveria atender ligações pessoais no meio de um evento de trabalho, mas não podia simplesmente ignorar Francis Lau.

Após conferir se não havia alguma emergência exigindo minha atenção imediata na festa, entrei no banheiro mais próximo.

– Oi, pai.

Eu tinha deixado de chamá-lo de “papai” ainda criança, depois que sua joalheria, a Lau Jewels, decolou e nos mudamos do nosso apertado apartamento de dois quartos para uma mansão em Beacon Hill. Ele fez questão de ser chamado de pai, pois, aparentemente, soava mais “sofisticado”.

Sua voz grave retumbou do outro lado da linha:

– Onde você está? Por que todo esse eco?

– Estou trabalhando. Entrei no banheiro para te atender. – Apoiei o quadril na bancada da pia e me senti no dever de acrescentar: – É uma arrecadação de fundos para a batuira-melodiosa, que está ameaçada de extinção.

Sorri ao ouvir o suspiro pesado que ele deu. Meu pai tinha pouca paciência para os motivos obscuros que as pessoas davam como desculpa para festejar, embora ele também participasse desses eventos e doasse dinheiro. Era o certo a fazer.

– Todo dia eu fico sabendo de mais um animal entrando em extinção – resmungou ele. – Sua mãe está em um comitê de arrecadação de fundos





para um peixe aí qualquer, como se a gente não comesse frutos do mar toda semana.

Minha mãe, ex-esteticista, agora era uma socialite profissional e membro de um comitê de caridade.

– Já que você está trabalhando, vou ser breve – continuou meu pai. – Gostaríamos que você jantasse com a gente na sexta-feira. Temos notícias importantes.

Apesar da escolha de palavras, aquilo não era um pedido.

Meu sorriso desapareceu.

– *Nesta sexta?*

Era terça-feira e eu morava em Nova York, a mais de trezentos quilômetros da casa dos meus pais em Boston. Era um pedido de última hora, mesmo para os padrões deles.

– Sim. – Ele não entrou em detalhes. – O jantar é às sete em ponto. Não se atrase.

Ele desligou.

Fiquei um tempo paralisada, o celular grudado na orelha. O aparelho escorregou pela palma da minha mão úmida de suor e quase caiu no chão antes que eu o colocasse de volta na bolsa.

Engraçado como uma simples frase podia me lançar numa espiral de ansiedade.

Temos notícias importantes.

Será que tinha acontecido alguma coisa com a empresa? Alguém estava doente ou morrendo? Será que meus pais estavam vendendo a casa e se mudando para Nova York, como uma vez ameaçaram fazer?

Milhares de perguntas e possibilidades passaram pela minha cabeça.

Eu não tinha uma resposta, mas de uma coisa eu sabia: uma convocação urgente à mansão dos Laus nunca era um bom presságio.





CAPÍTULO 2

Vivian



A SALA DE ESTAR DOS MEUS PAIS parecia saída de uma revista de arquitetura. Sofás capitonê alinhados perfeitamente a mesas de madeira entalhada e jogos de chá de porcelana disputando espaço com pequenos itens de valor inestimável. Até o ar tinha um cheiro frio e impessoal, como de um aromatizador caríssimo e genérico.

Algumas pessoas têm casas; meus pais tinham um showroom.

– Sua pele está tão opaca – comentou minha mãe, me examinando com um olhar crítico. – Você está em dia com os procedimentos?

Ela estava sentada à minha frente, uma luminosidade perolada no rosto.

– Estou, mãe.

Minhas bochechas doíam de sustentar a polidez forçada do sorriso.

Fazia apenas dez minutos que eu pisara na casa onde passei a infância e já tinha recebido críticas por meu cabelo (bagunçado demais), minhas unhas (compridas demais) e, agora, minha pele.

Apenas mais uma noite na mansão dos Laus.

– Ótimo. Você não pode se descuidar, lembre-se disso – comentou minha mãe. – Ainda não é casada.

Contive um suspiro. *Lá vamos nós de novo.*

Apesar de minha próspera carreira em Manhattan, onde o mercado de produção de eventos era mais impiedoso do que um saldão com peças-piloto de estilistas famosos, meus pais viviam obcecados com o fato de eu não ter namorado e, portanto, nenhuma perspectiva de casamento.

Eles toleravam meu trabalho porque não fazer nada já estava fora de





moda entre as herdeiras, mas *salivavam* por um genro, alguém que pudesse elevar sua posição nos círculos da elite tradicional.

Éramos ricos, mas nunca seríamos considerados *old money*. Não nesta geração.

– Eu ainda sou jovem – respondi pacientemente. – Tenho bastante tempo para conhecer alguém.

Eu tinha só 28 anos, mas meus pais agiam como se eu fosse murchar e virar uma anciã decrépita no primeiro segundo após a meia-noite do meu trigésimo aniversário.

– Você está com quase 30 – argumentou minha mãe. – O tempo está passando e você *precisa* pensar em se casar e ter filhos. Quanto mais espera, menos opções tem.

– Eu *estou* pensando nisso. – *Pensando no ano de liberdade que ainda tenho à frente antes de ser forçada a me casar com um banqueiro qualquer com algarismos romanos depois do sobrenome.* – Quanto ao tempo, é para isso que servem o botox e as cirurgias plásticas.

Se minha irmã estivesse ali, teria dado risada. Como não estava, minha piada foi mais sem graça do que um suflê de chuchu.

Minha mãe não gostou.

Ao lado dela, as sobrancelhas grossas e grisalhas de meu pai formaram um severo V acima do nariz.

Aos 60 anos, em forma e ativo, Francis Lau realmente parecia um homem que construía sozinho sua fortuna. Ao longo de três décadas, havia expandido a Lau Jewels: antes um pequeno negócio familiar, agora era uma gigante multinacional. Um olhar silencioso dele bastava para que eu me encolhesse no sofá.

– Toda vez que falamos em casamento você faz piada – disse meu pai, num tom de nítida reprovação. – Casamento *não* é brincadeira, Vivian. É um assunto importante para a nossa família. Veja a sua irmã. Graças a ela, agora estamos vinculados à família real de Eldorra.

Cerrei os dentes com força.

Minha irmã se casara com um conde eldorrano que era primo distante da rainha. Nosso “vínculo” com a família real do pequeno reino europeu era um exagero, mas, aos olhos do meu pai, um título aristocrático era um título aristocrático.

– Eu sei que não é piada – respondi, pegando minha xícara de chá para





ter algo com que ocupar as mãos. – Mas também não preciso pensar nisso *agora*. Estou conhecendo pessoas. Explorando as possibilidades. Tem muitos homens solteiros em Nova York, eu só preciso encontrar o cara certo.

Deixei de fora uma ressalva: há muitos homens solteiros em Nova York, mas as opções de homens solteiros heterossexuais e confiáveis que não fossem babacas nem perturbadoramente esquisitos eram muito menores.

O último cara com quem eu saíra havia tentado me levar a uma sessão espírita para entrar em contato com sua mãe falecida de modo que ela pudesse “me conhecer e dar sua aprovação”. Não preciso nem dizer que nunca mais o vi.

Mas meus pais não precisavam saber disso. Para eles, eu estava saindo a torto e a direito com belos rapazes nascidos em berço de ouro.

– Nós te demos bastante tempo para encontrar um companheiro adequado nos últimos dois anos – disse meu pai, que não parecia impressionado com meu discurso. – Você não teve um único namoro sério desde o último... *relacionamento*. Está claro que não sente a mesma urgência que nós, e foi por isso que assumi as rédeas desse assunto.

Minha xícara de chá parou a meio caminho da boca.

– O que isso significa?

Achava que a notícia importante a que ele havia se referido tinha a ver com minha irmã ou com a empresa. Mas e se...

Senti meu sangue gelar.

Não. Não pode ser.

– Significa que encontrei um pretendente adequado para você. – Meu pai soltou a bomba praticamente sem qualquer aviso ou emoção visível. – Não posso dizer que tenha sido fácil, mas enfim consegui finalizar o acordo.

Encontrei um pretendente adequado para você.

Os fragmentos da fala dele explodiram em meu peito e quase tiraram minha compostura.

Pousei a xícara de chá de volta no pires com estrépito, e minha mãe me olhou com ar de reprovação.

Pela primeira vez, eu estava ocupada demais processando tudo aquilo para me preocupar com ela.

Casamentos arranjados eram uma prática comum em nosso mundo de grandes negócios e jogos de poder, em que o matrimônio não era um gesto romântico, mas uma questão de aliança. Meus pais casaram minha irmã





por um título e eu sabia que minha vez estava chegando. Só não esperava que fosse tão... *cedo*.

Uma mistura amarga de choque e pavor desceu pela minha garganta. Esperava-se que eu assinasse um contrato vitalício que meu pai conseguira com alguma dificuldade.

Exatamente o que toda mulher quer ouvir.

– Deixamos você enrolar por tempo demais, e esse arranjo será extremamente benéfico para nós – prosseguiu ele. – Tenho certeza de que você vai concordar assim que conhecê-lo no jantar.

A mistura se transformou em veneno e devorou minhas entranhas.

– Jantar? Está falando do jantar *de hoje*? – Minha voz soou distante e estranha, como se eu a estivesse ouvindo em um pesadelo. – Por que não me contou antes?

Ser emboscada pela notícia de um casamento arranjado já era bem ruim. Conhecer meu futuro noivo sem um único segundo de preparação era cem vezes pior.

Não era de admirar que minha mãe estivesse sendo ainda mais crítica do que o normal. Ela esperava seu futuro genro como convidado.

Senti o estômago revirar, e a possibilidade de expelir seu conteúdo por todo o valioso tapete persa de minha mãe chegou bem perto de se concretizar.

Tudo aquilo estava acontecendo rápido demais. A convocação para o jantar, a notícia de um noivado, o encontro iminente com meu pretendente – minha cabeça girava tentando acompanhar.

– Ele não tinha confirmado até hoje cedo, devido a... questões de agenda – disse meu pai, alisando a camisa. – Você vai ter que conhecê-lo em algum momento. Não importa se é hoje, daqui a uma semana ou daqui a um mês.

Na verdade, importa, sim. Há uma diferença entre estar mentalmente preparada para conhecer meu noivo e alguém atirá-lo na minha cara sem aviso prévio.

A resposta fervia em mim, destinada a nunca explodir. Responder era estritamente proibido na casa dos Laus. Eu vivia de acordo com as regras da família mesmo depois de adulta, e a desobediência sempre foi recebida com uma punição rápida e palavras duras.

– Queremos que as coisas andem o mais rápido possível – interveio minha mãe. – Planejar um casamento do jeito certo leva tempo, e seu noivo é, humm, metuculoso com os detalhes.





Engraçado como ela já se referia ao sujeito como meu noivo quando eu ainda nem sequer o conhecia.

– No ano passado, ele foi eleito pela *Mode de Vie* um dos solteiros com menos de 40 anos mais cobiçados do mundo. Rico, bonito, poderoso. Sinceramente, seu pai se superou. – Minha mãe deu um tapinha no braço dele, o rosto radiante.

Eu não a via tão animada desde que conseguira uma vaga no comitê de planejamento do leilão de vinhos da Boston Society, no ano anterior.

– Que... maravilha. – Meu sorriso vacilou diante do esforço de se manter intacto.

Ao que tudo indicava, pelo menos meu pretendente tinha todos os dentes. Não duvidaria que meus pais me casassem com algum bilionário decrépito em seu leito de morte. Dinheiro e status vinham primeiro, enquanto todo o resto ocupava um distante segundo lugar.

Respirei fundo e torci para que minha mente não espiralasse rumo *àquele* caminho específico.

Recomponha-se, Viv.

Por mais chateada que estivesse com meus pais por terem me bombardeado com a notícia, eu poderia surtar mais tarde, depois que a noite terminasse. Não era como se tivesse a opção de dizer não para aquele encontro. Meus pais me deserdariam.

Além disso, meu futuro marido – meu estômago revirou mais uma vez – chegaria a qualquer minuto, e eu não queria fazer uma cena.

Sequei as mãos nas coxas. Minha cabeça girava, mas me agarrei à máscara que sempre usava em casa. *Tranquila. Calma. Respeitável.*

– Bem – disse, contendo o mal-estar e forçando um tom leve –, será que o Sr. Perfeito tem nome ou é conhecido apenas pelo patrimônio?

Não me lembrava de todos na lista da *Mode de Vie*, mas as pessoas de quem me lembrava não inspiravam muita confiança. Se ele...

– Pelo patrimônio, por desconhecidos. Amigos e familiares me chamam pelo nome.

Minha coluna enrijeceu diante do som da voz grave e inesperada atrás de mim. Estava tão próxima que *senti* o ressoar das palavras nas minhas costas, escorrendo feito mel aquecido pelo sol – uma voz intensa e sensual, com um leve sotaque italiano que fez cada uma de minhas terminações nervosas formigar de prazer.





Um calor se espalhou sob minha pele.

– Ah, aí está você. – Meu pai se levantou, um brilho estranhamente triunfante nos olhos. – Agradeço por aceitar meu convite de última hora.

– Como eu poderia perder a oportunidade de conhecer sua adorável filha?

Uma pitada de escárnio maculou a palavra *adorável* e imediatamente exterminou qualquer atração que senti por aquela voz.

Uma pedra de gelo apagou o calor em minhas veias.

Pelo visto, nada de Sr. Perfeito.

Já tinha aprendido a confiar em meu instinto em relação a pessoas, e ele me dizia que o dono da voz estava tão empolgado com aquele jantar quanto eu.

– Vivian, venha cumprimentar o nosso convidado. – Se minha mãe sorrisse mais, seu rosto se partiria ao meio.

Fiquei quase esperando que ela apoiasse a bochecha na mão e suspirasse como uma colegial apaixonada e sonhadora.

Afastei aquela imagem perturbadora da minha mente antes de erguer o queixo.

Me levantei.

Me virei.

E todo o ar que havia em meus pulmões sumiu.

Cabelo preto e grosso. Pele bronzeada. Um nariz levemente torto que realçava seu charme grosseiramente masculino em vez de diminuí-lo.

Meu futuro marido era um monumento em um terno. Não era bonito de um jeito convencional, mas era tão forte e atraente que sua presença engolia cada molécula de oxigênio da sala, como um buraco negro consumindo uma estrela recém-nascida.

Havia homens bonitos de um jeito genérico, e havia *ele*.

E, ao contrário de sua voz, seu rosto era ilustremente reconhecível.

Meu coração se apertou por causa do choque.

Impossível. Não tinha como ele ser meu noivo arranjado. Só podia ser uma piada.

– Vivian. – Dizendo apenas meu nome, minha mãe me deu uma bronca disfarçada.

Certo. Jantar. Noivo. Encontro.

Tentei me livrar do estupor e esbocei um sorriso tenso, mas educado.





– Sou Vivian Lau. É um prazer conhecê-lo.

Estendi a mão.

Um segundo se passou antes que ele a apertasse. Uma força quente envolveu a palma da minha mão e enviou uma descarga elétrica pelo meu braço.

– Foi o que concluí, pelas várias vezes que sua mãe disse seu nome.

Sua fala arrastada fez o comentário parecer uma piada; a dureza em seus olhos me disse que não havia humor algum naquilo.

– Dante Russo. O prazer é todo meu.

Lá estava o escárnio novamente, sutil, mas lancinante.

Dante Russo.

CEO do Russo Group, lenda da Fortune 500, o homem que havia criado um imenso burburinho na festa da Fundação Frederick pela Preservação da Vida Selvagem três noites antes. Ele não era apenas um bom partido; ele era o bom partido. O bilionário inalcançável que todas as mulheres queriam e nenhuma conseguia.

Ele tinha 36 anos, era notoriamente casado com o trabalho e até aquele momento não havia demonstrado nenhuma intenção de abrir mão de seu estilo de vida de solteiro.

Por que então Dante Russo concordaria com um casamento arranjado?

– Eu poderia me apresentar pelo meu patrimônio – disse ele. – Mas seria indelicado categorizar você como uma desconhecida, levando em consideração o propósito do jantar desta noite.

Seu sorriso não continha um pingo de calor.

Minhas bochechas esquentaram ao lembrar que ele ouvira minha piada. Não tinha sido maldosa, mas falar sobre o patrimônio de outras pessoas era considerado grosseiro, embora todo mundo o fizesse em particular.

– É muito gentil da sua parte. – Minha resposta fria mascarou meu constrangimento. – Não se preocupe, Sr. Russo, se eu quisesse saber o valor do seu patrimônio, poderia pesquisar no Google. Tenho certeza de que a informação vai estar tão prontamente disponível quanto as histórias envolvendo seu famoso charme.

Uma faísca brilhou em seus olhos, mas ele não mordeu minha isca. Nós nos encaramos por um intenso segundo antes de ele soltar minha mão e percorrer meu corpo com um olhar clínico e desinteressado.

Minha mão formigava de calor, mas uma frieza correu por todas as outras partes do meu corpo, como a indiferença de um deus diante de um mortal.





Fiquei tensa outra vez sob a análise de Dante, de repente hiperconsciente de meu tailleur de tweed aprovado por Cecelia Lau, dos brincos de pérola e dos sapatos de salto baixo. Tinha trocado até meu batom vermelho favorito pela cor neutra que ela preferia. Aquele era o uniforme que usava para visitar meus pais e, a julgar pela maneira como os lábios de Dante se contraíram, ele não estava nem um pouco impressionado.

Um misto de nervosismo e irritação revirou meu estômago quando aqueles olhos escuros e implacáveis reencontraram os meus.

Tínhamos trocado apenas meia dúzia de palavras, mas eu já tinha certeza de duas coisas.

A primeira era que Dante ia ser meu noivo.

E a segunda era que havia a possibilidade de nos matarmos antes mesmo de chegarmos ao altar.

